

Por uma Intelectualidade Afrodiáspórica: a produção do conhecimento de mulheres negras e as Epistemologias Emancipatórias

Rosana da Silva Pereira¹

Resumo

Neste artigo apresento reflexões sobre os atravessamentos da produção intelectual de mulheres negras e do feminismo negro brasileiro. Tendo a emancipação como ponto crucial para mudanças na teoria crítica social, inicialmente destaco contribuições epistemológicas acerca do pensamento feminista negro em uma perspectiva transnacional, compreendendo-as como importantes para a sustentação de uma teoria social insurgente. Para fomentar a discussão sobre a intelectualidade de mulheres negras atravessadas pelo feminismo negro trazemos a luz as contribuições de intelectuais negras estadunidenses e brasileiras. Por fim, destacamos a caracterização do que chamo de epistemologias emancipatórias em convergência com a crítica à política de centralização do conhecimento e apagamento da memória.

Palavras-Chave: Feminismo Negro; Intelectualidade de Mulheres Negras; Epistemológicas Emancipatórias.

1. Introdução

*Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati*

*Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês*

Samba Enredo Mangueira, 2019.

Compreendendo que a prolongada tradição do cientificismo e do eurocentrismo deu surgimento a ideia de universalismo abstrato, que atravessa a economia, política, cultura, educação e produção do conhecimento do sistema-mundo capitalista/patriarcal/ocidental-cêntrico e colonial, o pensamento feminista negro ao longo dos anos vem se articulando em prol das lutas pela emancipação das mulheres negras. Em uma perspectiva transnacional podemos refletir que nos diferentes territórios do mundo, surgem movimentos de mulheres

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB); Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); São Sebastião, Distrito Federal, Brasil; E-mail: silvarosanasociais@gmail.com.

negras em busca da produção de conhecimento como prática da liberdade. Fazendo alusão à Lélia Gonzalez (1984) diria que “o lixo vai falar e numa boa” e por isso a produção de conhecimento de mulheres negras são epistemologias emancipatórias.

No discurso proferido “Eu não sou uma mulher?” na Convenção dos Direitos Humanos das Mulheres de Ohio, Akon - 1851, Sojourner Truth (1797-1883) questiona a categoria mulher como universal, visto que historicamente mulheres de diversas raças e etnias são tratadas desigualmente. Partindo deste pressuposto, as demandas das mulheres negras e brancas são diferentes, justamente pela interseccionalidade entre as categorias de raça, gênero e classe. Os processos de expropriação colonial e a modernidade racializada promovem representações de inexistência, Jurema Werneck (2009) no artigo “Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo” menciona e defende que “[...] As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais [...]” (WERNECK, 2009, p. 152).

Neste sentido, entendendo a dominação do ser, do saber e do poder, apresento reflexões sobre o as contribuições de intelectuais estadunidenses Patrícia Hill Collins e bell hooks e as intelectuais brasileiras Lélia González e Beatriz Nascimento para o pensamento feminista negro refletindo a priori como uma teoria social crítica que em uma perspectiva transnacional crava conduções importantes para o estabelecimento de epistemologias emancipatórias defronte as políticas de esquecimento e apagamento da memória.

2. Um diálogo com Patrícia Hill Collins e bell hooks

O pensamento feminista negro é criado como uma teoria crítica “das” e “para” as mulheres negras, que considera os impactos do racismo e do sexismo na segregação racial em determinados territórios e na exploração econômica das mulheres negras. Então, para pensarmos as insurgências políticas do pensamento feminista é preciso refletir as dinâmicas colonizadoras de dominação e objetivação de grupos sociais e raciais considerados. Em *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*, Patrícia Hill Collins (2019) dialoga que a política segregacionista ao longo da história estadunidense foi criada a partir de estratégias de exclusão das mulheres negras, construindo iconografias que as atrelam à hipersexualização e à condição de subjugação. Desta forma, o pensamento feminista negro foi criado como uma oposição as opressões interseccionais de

raça, classe e gênero que intensificam o subjugamento teórico e ideológico das mulheres negras.

Trazendo a luz a indagação de uma mulher negra afro-americana, Maria Stewart: "Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro?" (COLLINS, 2019, p. 29). Collins (2019) apresenta Maria Stewart como uma importante intelectual negra dos Estados Unidos, pioneira nos discursos políticos e expoente nos debates sobre as opressões vivenciadas pelas mulheres negras, e neste sentido ela é uma das primeiras feministas nos Estados Unidos que defendia a valorização e o reconhecimento da negritude, bem como o ativismo, autodeterminação comunitário e a compreensão do trabalho intelectual para a promoção do ativismo feminino negro.

Ressalta-se que Patrícia Hill Collins (2019) compreende como intelectuais negras todas as mulheres afro-americanas que possuem uma teoria crítica e por isso ela apresenta além da Maria Stewart, as seguintes intelectuais para pensarmos o Pensamento Feminista Negro numa vertente emancipatória: Sojourner Truth, Nancy White, Anna Julia Cooper, Ida B. Wells, Toni Cade Bambara, Hazel Carby, Audre Lorde, Barbara Christian, Alice Danbar Nelson, bell hooks, Alice Walker, Toni Morrison, Kimberlé Crenshaw, Zora Neale Hurston, Angela Davis, Bessie Smith e Ma Rainey. Tais intelectuais em diferentes áreas e condições de sobrevivência construíram bases sólidas para a tradição intelectual de mulheres afro-americanas.

Objetificadas e exploradas como as “mulas do mundo”, as mulheres negras são atravessadas pelas imagens de controle, porém a suas potencialidades como intelectuais existem e apesar das dificuldades estruturais, o Pensamento Feminista Negro, enquanto uma teoria social crítica é construído através dos corpos de conhecimentos, experiências vividas por mulheres negras, ações e práticas que tenham como compromisso a justiça social, tendo como objetivo ações de resistência que possam melhorar as experiências das mulheres negras. A dialogicidade se torna característica do pensamento feminista negro já que as mulheres negras compartilham coletivamente as suas experiências e os conhecimentos.

Considerando que as mulheres negras ao longo dos séculos se dedicam, reivindicam e constroem conhecimentos, Patrícia Hill Collins chama a atenção para a supressão do Pensamento Feminista Negro, a priori apresentando a significativa compreensão da dialética entre opressão e ativismo, demarcando a opressão como constituinte para situação histórica da mulher negra afro-americana, o nacionalismo negro e a segregação racial. As categorias analíticas de raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outras são

atravessadas pela opressão neste contexto de matriz de dominação. E desta forma, a intelectual afirma que a opressão das afro-americanas engloba três dimensões: a exploração do trabalho, política de opressão e as imagens de controle. Tais dimensões são importantes para o entendimento da rede composta pela economia, política e ideologia para manutenção e conservação de estratégias de subordinação e exploração das mulheres negras em detrimento da supremacia branca e da própria Teoria Feminista, está última, sendo construída através das vivências exclusivas das feministas brancas.

Nascida em um contexto de luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e na emergência dos movimentos feministas negros também na América Latina, bell hooks (1952-2021) em suas publicações também articula percepções sobre o racismo, sexismo, capitalismo, patriarcado através da teoria crítica acerca da práxis pedagógica, tendo Paulo Freire (1921-1997) como uma referência importante para seu pensamento, a intelectual realiza reflexões sobre raça, classe e gênero, questões subjetivas vinculadas ao amor, autoestima e espiritualidade e a crítica à produção cultural em um contexto transnacional.

Ao pensar sobre as mulheres negras e o feminismo, bell hooks discute que com a progressão do movimento feminista no contexto estadunidense, as mulheres negras passam a criticar a universalização da categoria mulher. Relembrando a importância da atuação política e intelectual de Sojourner Truth, bell hooks (2018; 2022) argumenta que a sua atuação na defesa dos direitos das mulheres.

Diferentemente da maioria das defensoras dos direitos das mulheres, Sojourner Truth podia se referir à própria experiência de vida como prova da habilidade da mulher de estar na função de mãe; de estar em pé de igualdade com o homem no trabalho; de suportar perseguição, abuso físico, estupro, tortura; e de não somente sobreviver, mas emergir triunfante [...] Sojourner Truth não foi a única mulher negra a defender a igualdade social para as mulheres. Seu desejo por falar em público em favor dos direitos das mulheres, apesar da desaprovação e resistência pública, abriu caminho para outras mulheres negras politicamente conscientes expressarem seu ponto de vista [...] (HOOKS, 2022, p. 253).

Ademais, a autora também direciona suas reflexões para a intelectualidade negra. No artigo “Intelectuais Negras”, bell hooks (1995) apresenta uma discussão sobre a construção da intelectualidade de mulheres negras atrelada ao feminismo negro, promovendo desta forma discussões e proposições que visem transformações sociais para a população negra. Patrícia Hill Collins (2019) também ressalta como uma das contribuições do feminismo negro, o reconhecimento pelos sujeitos de suas próprias histórias em diálogo com as experiências de outros indivíduos, incorporando uma dimensão crítica da realidade.

Se tratando, portanto, de um debate intercontinental, o feminismo negro abrange o movimento de conscientização das mulheres afrodescendentes do mundo. E, portanto, nesta

perspectiva transnacional na qual se tem o mulherismo africano o feminismo africano e o feminismo negro como correntes de pensamento que se distinguem, mas se aproximam em virtude da exploração econômica, violência sexual, dificuldades de acesso à educação, ao mercado de trabalho e das dificuldades de acesso aos cargos públicos (COLLINS, 2019).

Trabalho, família, política sexual, maternidade e ativismo político são temas centrais no Pensamento Feminista Negro e neste limiar o empoderamento torna-se um importante instrumento de rejeição das dimensões de dominação que perpetuam a objetivação, a exploração e a mercadorização. O empoderamento feminino tem como centralidade a efetiva contribuição para a busca da igualdade, como direito essencial para o exercício pleno da cidadania, isto é, uma ferramenta importante para a emancipação social. Patrícia Hill Collins (2019) ressalta as potencialidades de transformação social através da relação entre conhecimento, consciência e política transnacional de empoderamento. A autora destaca:

[...] o pensamento feminista negro faz duas contribuições importantes no que diz respeito à relevância do conhecimento para uma política de empoderamento. Em primeiro lugar, o pensamento feminista negro promove uma transformação paradigmática fundamental na forma como pensamos sobre as relações de poder injustas. Ao adotar um paradigma de opressões interseccionais de raça, classe, gênero e nação, e levando em conta a agência individual e coletiva das mulheres negras, inerente a tais opressões, o pensamento feminista negro reconceitua as relações sociais de dominação e resistência. Em segundo lugar, o pensamento feminista negro aborda debates epistemológicos em curso sobre a dinâmica de poder subjacente ao que conta como conhecimento. Proporcionar às afro-americanas novos conhecimentos sobre nossas próprias experiências pode ser empoderador, Mas ativar epistemologias que põem em questão o conhecimento vigente e nos permitem definir nossas realidades *em nossos próprios termos* tem implicações muito maiores (COLLINS, 2019, p. 433-434).

Portanto, empoderar mulheres negras implica na revitalização do feminismo negro, reconhecendo dinamismo nas relações sociais e como Patrícia Hill Collins diz: “[...] feminismo negro sugere que sempre existe escolha e poder para agir, não importa quão desoladora pareça a situação” (2019, p. 456). Logo, o feminismo negro compreende que o mundo está em formação e cada um de nós é responsável por transformá-lo.

3. Intelectuais amefricanas e transatlânticas! A teoria social crítica de Lélia González e Beatriz Nascimento

A contribuição de Lélia González (1935-1994) para a teoria feminista negra é muito importante para as discussões sobre o racismo e sexismo na cultura brasileira. Mulher negra, filósofa, antropóloga, professora, escritora, tradutora, intelectual e militante do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR), amefricana, de origem popular, defensora da criação do feminismo afrolatinoamericano por mulheres negras e indígenas,

Lélia González, uma mulher negra *com nome e sobrenome*, ao conceituar a ideia de amefricanidade enquanto uma categoria política e cultural, elucida a importância da presença negra e indígena em todas as dimensões da vida social do país, e portanto, a sua teoria social crítica se baseia na defesa da descolonização do pensamento (PEREIRA, PEREIRA, PEREIRA, 2022).

Ao não compactuar com a premissa de universalidade da mulher proposta pelo feminismo branco e com o mito da democracia racial, Lélia González explana que as mulheres são diferentes racialmente e por isso o debate sobre o racismo e sexismo na cultura brasileira é imprescindível para a compreensão das trajetórias das mulheres negras (CARDOSO, 2012). A discussão sobre a interseção entre raça, gênero e classe na teoria social crítica da intelectual em “Racismo e Sexismo na cultura brasileira” torna-se relevante através da abordagem dos lugares sociais que a mulher negra está situada, na qual a intelectual compreende o duplo fenômeno do racismo e sexismo, partindo do pressuposto da chamada neurose cultural brasileira – conceituação disposta na teoria psicanalítica (GONZALEZ, 1984, p. 224).

[...] Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Deve-se destacar também que através de estudos sobre a vida e obra de Lélia González (BAIROS, 1994; RATTS; RIOS, 2010; CARDOSO, 2014, WERNECK, 2000, CARNEIRO, 2003; RIOS; RATTS, 2016; RIOS; KLEIN, 2022) é possível compreendermos que suas experiências e trajetórias de vida se interseccionam com as suas análises conceituais sobre a realidade social.

Na obra intitulada “Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro” Flávia Rios e Alex Ratts (2010) e no artigo “Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia González” da autora Cláudia Pons Cardoso (2012), ao discutirem o chamado pretuguês/pretoguês, apresentam a inquestionável importância de Lélia González para a criação de novas epistemologias. A intelectual adere a expressões populares, inclusive de origem africana para discursar suas ideias, como pode ser visto em suas entrevistas e publicações entre 1991 e 1994, na qual ela intensifica o uso de expressões e palavras provenientes da linguagem regional e local, fazendo uso de termos como *neguinho*, *negada* e *negadinha*, com o objetivo

discutir criticamente seus usos evidenciando o racismo na própria língua portuguesa (RIOS, RATTS, 2010, p. 75; CARDOSO, 2012, p. 966).

Afastando as interpretações funcionalistas acerca do processo de transição da sociedade de mercado e a inserção da população negra, Lélia Gonzalez emergiu seus estudos na crítica à aderência precarizada da população negra no sistema capitalista e ao mito da democracia racial (RIOS; RATTS, 2016, p. 394). Tais aspectos da teoria crítica de Lélia permite entender que o seu propósito intelectual e ativista: confrontar a hegemonia intelectual brasileira – branca e masculina, ao estabelecer uma escola teórica que estava preocupada com os impactos do colonialismo na formação das sociedades, sobretudo na América Latina, evidenciando nas dinâmicas sociais a atuação da raça, gênero e classe, que multidirecionadas imperam nas vidas negras e indígenas. Ao confrontar o paradigma da produção de conhecimento dominante, Lélia estabelece uma teoria crítica que abrange rupturas com a linguagem, discurso e identidades imperialistas, machistas, sexistas e racistas. Sua abordagem discursiva é polifônica, múltipla, representativa e subversiva.

A historiadora, professora, escritora, poeta, roteirista e ativista quilombola transatlântica Beatriz Nascimento (1942-1995) também nos apresenta um legado intelectual importante para a compreensão das ações e práticas discriminatórias contra as mulheres negras, ressaltando os resquícios do processo escravocrata no Brasil. Além de sua produção historiográfica, Beatriz Nascimento também discursava sobre a incidência do racismo na educação brasileira, e neste sentido é possível entendermos a grandeza da intelectual através do aprofundamento da noção de negro frente a multiplicidade do racismo, à medida que também defende estratégias de seu enfrentamento nos âmbitos individuais e coletivos (RATTS, 2006).

Em sua escrita historiográfica e análise da realidade social, Beatriz dialogava com outras intelectualidades negras e ativistas como Lélia González, Clóvis Moura, Neuza Santos Souza e Abdias Nascimento, por isso que a sua produção de conhecimento está inteiramente atrelada ao engajamento político de sua geração.

Na obra “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”, Alex Ratts (2006), nos apresenta diversas dimensões sobre a vida e a obra da intelectual, e desta forma cabe destacar a sua dedicação nas discussões sobre as significâncias do quilombo e das mulheres negras quilombolas. Tal dimensão de quilombo inaugura um projeto político estabelecido no pensamento afrodiáporico, na qual Beatriz Nascimento realiza críticas à historiografia que na época pensava o quilombo a partir de uma perspectiva reducionista

(RATTS, 2006, p. 56) e uma história do Brasil escrita apenas por mãos brancas, por isso, a intelectual reivindicava a produção intelectual negra.

Em seu texto “A mulher negra no mercado de trabalho”, publicado em 1976, Beatriz Nascimento se dedicou na discussão sobre a existência da mulher negra nas dinâmicas laborais no país. Como já mencionado, a intelectual conduz a leitura para reflexões sobre a continuidade da herança escravocrata na inserção da mulher negra na classe trabalhadora no século XX:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas rurais. Podemos acrescentar, no entanto, ao que expusemos acima que a estas sobrevivências ou resíduos do escravagismo, se superpõem os mecanismos atuais de manutenção de privilégios por parte do grupo dominante. Mecanismos que são essencialmente ideológicos e que ao se debruçarem sobre as condições objetivas da sociedade têm efeitos discriminatórios. Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser uma mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados (NASCIMENTO, 1976 p. 104; RATTS, 2006, 1976).

Para ela, a mulher negra possui menores possibilidades de mobilidade social em detrimento de outros grupos sociais e raciais no país. Tal constatação também é pensada com as noções de mulata, doméstica e mãe preta criadas por Lélia, nas quais são essenciais para compreendermos que a mulher negra é condicionada a estar nestes lugares sociais, normalizando as violências simbólicas que permeiam as suas trajetórias de vida: “[...] Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta [...]” (GONZÁLEZ, 1984, p. 226). O pensamento lacaniano e a psicanálise fundamentam a noção de mãe preta, na qual Lélia Gonzalez disserta que a mulher negra é a própria personificação da mãe, aquela que cuida, protege, alimenta e educa os filhos das mulheres brancas.

Lélia González e Beatriz Nascimento são indiscutivelmente intelectuais imprescindíveis para a história do Brasil. Como pensadoras críticas da realidade social brasileira e atuantes no movimento negro brasileiro, elas são referências para a construção de uma intelectualidade que compreende as contradições da sociedade e que através de múltiplas correntes epistemológicas estão comprometidas com o feminismo negro, estudos de gênero e sexualidade, combate ao racismo, genocídio negro e promoção da igualdade racial. Ambas são inspirações que através de suas histórias condicionam a abertura de novas possibilidades

de reflexão sobre a vida da população negra no mercado de trabalho, na educação, no ativismo, na política e na cultura.

4. Tecendo Considerações Finais: Em busca de epistemologias emancipatórias

*Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma mas não sou só*
Sued Nunes

Em muitos momentos da minha vida acadêmica, me perguntava porque Lélia González, Carolina Maria de Jesus, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Maria Aparecida Bento, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes e tantas outras intelectuais negras não eram concebidas como possibilidades epistemológicas? O que acredito que responderia tal questão é a construção colonial e racista da mulher negra como aquela que *não deve saber, pensar e falar*. É possível refletirmos sobre isso através de Grada Kilomba em “Memórias da Plantação: Episódios de um racismo cotidiano” que indaga “[...] por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem que ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse com a boca tapada? (KILOMBA, 2019, p. 41).

Portanto, os corpos de meninas e mulheres negras são atravessados pelo epistemicídio. O epistemicídio produz um conjunto de subalternidades nas diferentes dimensões objetivas e subjetivas da vida das mulheres negras. São corporeidades marcadas pela colonialidade, racismo, machismo, sexismo e classismo. No artigo “Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário” Ângela Figueiredo e Ramón Grosfoguel (2007) discutem acerca da política de esquecimento enquanto um instrumento de apagamento da memória de contribuições da intelectualidade negra. Tal mecanismo tem como objetivo a manutenção de uma hegemonia científica branca ao mesmo tempo que instaura uma legitimação científica.

Desta forma, quando Beatriz Nascimento tenciona as perspectivas sobre o lugar do negro na sociedade, destacando em seu pensamento crítico uma reelaboração da história transatlântica afro diaspórica, enaltecendo a concepção de quilombo como uma organização cultural, política e de resistência e reexistência, a intelectual está demarcando a relevância da memória para nossa história e lutas afrofuturistas. É na memória que Lélia González também chamará a nossa atenção quando diz que enquanto a consciência é morada pra o desconhecimento, alienação, rejeição, esquecimento e exclusão, a memória é o lugar da

inclusão, “[...] a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção [...]” (GONZÁLEZ, 1984, p. 226).

Neste sentido, é preciso refletir que a intelectualidade negra aliada ao feminismo negro afrodiaspórico constrói ao longo dos anos epistemológicas emancipatórias. Na qual Lélia González, Carolina Maria de Jesus, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Maria Aparecida Bento, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes e muitas outras e outros intelectuais negras e negros ao compreenderem a complexidade das dinâmicas de raça, gênero e classe no país, constroem epistemologias que lutem pela emancipação do ser, do saber, do poder. São nestas epistemologias emancipatórias que são possíveis movimentos, práticas e ações que visem descortinar as mordanças que impedem as mulheres negras de serem as produtoras de suas próprias histórias.

Uma mulher negra que se torna uma intelectual e elabora sua própria teoria crítica influenciada pela vida cotidiana, história e ancestralidade, que para além dos muros acadêmicos, compreende a sua própria trajetória como sujeita da história, se torna também uma referência para as demais. Como Angela Davis destaca “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, mulheres negras intelectuais, ativistas, professoras, poetas, comunicólogas ao tencionarem o espaço acadêmico, produzem novas epistemologias e compartilham saberes e fazeres com o mundo, provocando revoluções em suas caminhadas e transformando trajetórias-irmãs.

Axé Muntu!

Referências

CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 965-986, set./dez, 2014.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

FIGUEIREDO, Â.; GROSGOUEL, R. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 223–234, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/9096>. Acesso em 22. 04. 23.

HOOKS, b. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvi Libanio. 11° ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HOOKS, b. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 10. 03. 2023.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: Episódios de um racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

PEREIRA, A. S.; PEREIRA, R. S. *Quem disse que as mulheres negras não podem ocupar os espaços de produção de conhecimento?* In: ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/NEGRAS, 2022.

PEREIRA, R. S. *Axé, Muntu!* Contribuições da intelectual afrodiáspórica Lélia Gonzalez para o feminismo decolonial brasileiro. In: ANAIS 7 JORNADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS: OCIDENTE EM CRISE, p. 5-12, 2022.

RATTS, A.; RIOS, F. *Lélia González*. Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RATTS, A.; RIOS, F. A perspectiva interseccional de Lélia González. In: PINTO, A.; CHALHOUB, S. (Org.). *Pensadores Negros – Pensadoras Negras*: Brasil, séculos XIX e XX. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 387-402.

RATTS, A. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza; Imprensa Oficial: São Paulo, 2006.

WERNECK, J. *Nossos passos vêm de longe!* Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: VENTS D'EST, VENTS D'OUEST: MOUVEMENTS DE FEMMES ET FÉMINISMES ANTICOLONIAUX. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. Disponível em: <https://books.openedition.org/iheid/6316>. Acesso em 20. 04. 23.

Por una Intelectualidad Afrodiaspórica: La producción de saberes de las mujeres negras y las Epistemologías Emancipadoras

Resumen

En este artículo presento reflexiones sobre los cruces de la producción intelectual de las mujeres negras y el feminismo negro brasileño. Teniendo la emancipación como un punto crucial para los cambios en la teoría social crítica, inicialmente destaco las contribuciones epistemológicas sobre el pensamiento feminista negro desde una perspectiva transnacional, entendiéndolas como importantes para sostener una teoría social insurgente. Para fomentar el debate sobre la intelectualidad de las mujeres negras influenciadas por el feminismo negro, sacamos a la luz las contribuciones de intelectuales negros estadounidenses y brasileños. Finalmente, destacamos la caracterización de lo que llamo epistemologías emancipadoras en convergencia con la crítica a la política de centralización del conocimiento y borrado de la memoria.

Palabras claves: feminismo negro; intelectualidad de las mujeres negras; epistemologías emancipatorias.

Pour une intellectualité afrodiasporique : la production de savoirs par les femmes noires et les épistémologies émancipatrices

Résumé

Dans cet article, je présente des réflexions sur les nœuds de la production intellectuelle des femmes noires et du féminisme noir brésilien. Considérant l'émancipation comme un point crucial pour les changements dans la théorie sociale critique, je souligne dans un premier temps les contributions épistémologiques à la pensée féministe noire dans une perspective transnationale, en les considérant comme importantes pour soutenir une théorie sociale insurgée. Pour encourager le débat sur l'intellectualité des femmes noires influencées par le féminisme noir, nous mettons en lumière les contributions d'intellectuels noirs américains et brésiliens. Enfin, nous soulignons la caractérisation de ce que nous appelons les épistémologies émancipatrices en convergence avec la critique des politiques de centralisation des connaissances et de brouillage de la mémoire.

Mots-clés: Black Feminism; Black Women's Intellectuality; Epistémologies émancipatrices.

For an Afrodiasporic Intellectuality: The production of knowledge by black women and Emancipatory Epistemologies

Abstract

In this article I present reflections on the cruces of the intellectual production of black women and black Brazilian feminism. Considering emancipation as a crucial point for changes in critical social theory, I initially highlight the epistemological contributions to black feminist thought from a transnational perspective, understanding them as important to sustain an insurgent social theory. To encourage the debate on the intellectuality of black women influenced by black feminism, we bring to light the contributions of black American and Brazilian intellectuals. Finally, we highlight the characterization of what we call emancipatory epistemologies in convergence with the critique of the politics of centralization of knowledge and the blurring of memory.

Keywords: Black Feminism; Black Women's Intellectuality; Emancipatory Epistemologies.